

PAUPERISMO E LIVRE-COMÉRCIO – A CRISE COMERCIAL QUE SE APROXIMA

Tradução de: Carolina Peters¹; Murilo Leite Pereira²

MARX, Karl. Pauperism and free trade – The approaching commercial crisis. In: **Collected Works**, v. 11. Nova York: Lawrence & Wishart, 1980, p. 357 – 363.

Londres, sexta-feira, 15 de outubro de 1852.

Em uma maltaria em Banbury, o Sr. Henley, presidente do Conselho de Comércio, recentemente explicou aos seus colegas fazendeiros, em reunião, que o Pauperismo havia diminuído por circunstâncias que nada tinham a ver com o livre-comércio, mas, acima de tudo, pela *grande fome da Irlanda*³, a descoberta de ouro no exterior, o êxodo da Irlanda, a grande demanda por transporte marítimo britânico dela decorrente, etc, etc⁴. Devemos confessar que “a fome” é um remédio tão radical contra o Pauperismo quanto o arsênico contra os ratos. “Ao menos”, observa *The London Economist*, “os Tories têm de admitir a existência da prosperidade e seu resultado natural, as *workhouses* esvaziadas”⁵.

The Economist tenta então provar ao incrédulo presidente do Conselho de Comércio que as *workhouses*⁶ se esvaziaram em consequência do livre-comércio; e que se fosse permitido o completo desenvolvimento do livre-comércio, elas

1 Graduada de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: carolinapeters@ymail.com

2 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Direito da Faculdade de Direito, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: murilo.leite.pereira@gmail.com.

3 Em 1845 – 1847, uma grave fome arrasou a Irlanda devido à ruína das fazendas e à Pauperização dos camponeses. Apesar da cultura da batata, principal dieta dos camponeses irlandeses, ter sido em grande parte destruída pela praga, os latifundiários ingleses continuaram a exportar grãos e produtos pecuários do país, condenando os setores mais pobres da população à fome. Cerca de um milhão de pessoas morreram de fome e uma nova onda de emigração causada pela fome levou embora outro milhão. Como resultado, grandes distritos da Irlanda foram despovoados, e a terra abandonada foi transformada em pastagem pelos senhorios irlandeses e ingleses. [NEI].

4 Conferir o discurso de Henley no banquete Tory em Banbury, em 28 de setembro, 1852, *The Times*, No. 21234, 30 de setembro de 1852. [NEI].

5 Extraído de “Mr. Henley and Pauperism”, *The Economist*, nº 475, 2 de outubro de 1852. [NEI].

6 As *workhouses* eram uma espécie de alojamento de trabalhadores pobres financiadas pelo Estado. Era um sistema que, embora existisse em várias partes da Europa, tornou-se característico dos britânicos e se assemelhava a prisões. [NT].

poderiam desaparecer inteiramente do solo britânico. É uma pena que as estatísticas de *The Economist* não provem o que elas intentam provar.

A indústria e o comércio modernos, como é bem sabido, passam por ciclos periódicos de 5 a 7 anos, nos quais, em sucessão regular, atravessam os diferentes estágios de calma – progresso perspectiva de melhora – confiança crescente – atividade – prosperidade – empolgação – saturação – convulsão – pressão – estagnação – agonia – terminando novamente em calma. Tendo em vista este fato, voltaremos às estatísticas de *The Economist*.

Desde 1834, quando chegou ao montante de £6.317.255, a soma gasta no auxílio aos pobres caiu, em 1837, a um mínimo de £4.044.741. A partir dessa data, ela cresceu novamente a cada ano até 1843, quando atingiu £5.208.027. Em 1844, 45 e 46, a soma novamente caiu para £4.954.204, e tornou a subir em 1847 – 48, chegando nesse último ano a £6.180.764, – quase tão alto quanto em 1834, antes da introdução da nova Lei dos Pobres [*new Poor Law*] ⁷. Em 1849, 50, 51 e 52, os gastos com o auxílio aos pobres baixou novamente para £4.724.619. Mas o período de 1834 – 37 era um período de prosperidade; aquele de 1838 – 42, um período de crise e estagnação; 1843 – 46, um período de prosperidade; 1847 e 48, um período de crise e estagnação, e 1849 – 1852 novamente um período de prosperidade.

O que então provam essas estatísticas? No melhor dos casos, o tautológico lugar-comum de que o pauperismo britânico aumenta e diminui com a alternância entre períodos de estagnação e prosperidade, independentemente tanto do livre-comércio quanto do protecionismo. Mais que isso, em 1852, ano de livre-comércio, encontramos as despesas com a Lei dos Pobres £679.878 mais altas que em 1837, ano de protecionismo, apesar da Fome Irlandesa, das pepitas australianas⁸ e do constante fluxo migratório.

⁷ A Lei para os Pobres de 1834 consistiu “em um ato para a Emenda e Melhoramento da Administração das Leis Relacionadas aos Pobres na Inglaterra e no País de Gales” – apenas uma forma de assistência para os pobres sadios: workhouses são como regimes de prisão em que os trabalhadores são ocupados com trabalhos improdutivos, monótonos e exaustivos. As pessoas chamavam essas workhouses de “Bastilha para os pobres”. [NEI].

⁸ Em 1851, foi encontrado ouro em abundância na Austrália. Por algum tempo, esse ouro foi importante para o desenvolvimento da Europa. [NT].

Outro documento do Livre-Comércio britânico tenta provar que as exportações aumentam com o livre-comércio e que a prosperidade aumenta com as exportações, e que diante da prosperidade o pauperismo deve diminuir e finalmente desaparecer; e os números que seguem devem prová-lo. A quantidade de seres humanos sadios condenados a subsistir com auxílio paroquial foi:

Jan. I, 1849, em 590 *unions*⁹, 201.644

Jan. I, 1850, em 606 *unions*, 181.159

Jan. I, 1851, em 606 *unions*, 154.525

Comparando esses dados com as pautas de exportações, encontramos entre as exportações de manufaturas britânicas e irlandesas:

1848 £ 48.946.395

1849 £ 58.910.833

1850 £ 65.756.035

E o que prova essa tabela? Um crescimento de £9.964.438 nas exportações salvou mais de 20.000 pessoas do pauperismo em 1849; um crescimento posterior de £6.845.202 salvou outras 26.634 em 1850. Agora, mesmo supondo que o livre-comércio possa abolir completamente os ciclos industriais e suas vicissitudes, então a redenção de todos os pobres sadios sob o presente sistema requereria um aumento adicional do mercado internacional de £50.000.000 anuais, o que significa um crescimento em torno de 100%. E esses sóbrios estatísticos burgueses têm a coragem de falar dos “utópicos” – em verdade, não há maiores utópicos na face da Terra do que esses burgueses otimistas.

Há pouco tomei conhecimento dos documentos publicados pelo Conselho da Lei dos Pobres, que provam efetivamente que estamos experimentando uma queda numérica dos pobres entre 1848 e 51. Mas desses documentos se extrai

⁹ *Poor Law Unions* são territórios locais destinados a receber os pobres; localizavam-se, normalmente, no Reino Unido e na Irlanda. Tiveram uma longa existência, sendo abolidas apenas em 1929. Além das *Unions*, havia também as *poor law parishes*, que eram grandes territórios independentes das primeiras. As *unions* e as *parishes* formavam os distritos da lei dos pobres [*poor law districts*]. [NT].

também que, entre 1841-44, a média de pobres era de 1.431.571; entre 1845-48, a média era de 1.600.257. Em 1850, eram 1.809.308 pobres recebendo auxílio dentro e fora das *workhouses*, e em 1851 eles somaram 1.600.329, ou antes, mais que a média do período 1845-48. Agora, se compararmos esses números com a população verificada pelo censo, veremos que havia, em 1841-48, 89 pobres para cada 1000 habitantes, e 90 em 1851. Assim, na realidade, o pauperismo tem crescido acima da média de 1841-48, e isso apesar do livre-comércio, da fome, da prosperidade, apesar das pepitas da Austrália e do fluxo migratório.

Poderia mencionar nessa ocasião que o número de criminosos também cresceu, e uma olhada em *The Lancet*, um periódico médico, mostra que a adulteração e o envenenamento de artigos alimentícios têm até o momento acompanhado o ritmo do livre-comércio. A cada semana, *The Lancet* causa um novo pânico em Londres ao desvendar novos mistérios. Esse periódico constituiu uma comissão completa de investigação composta por médicos, químicos etc. para o exame de artigos alimentícios vendidos em Londres. Café envenenado, chá envenenado, vinagre envenenado, pimenta caiena envenenada, pickles envenenados – tudo misturado a veneno – eis a conclusão regular dos relatórios dessa comissão.

Qualquer dos lados da política comercial burguesa, Livre-Comércio ou Protecionismo, é com certeza igualmente incapaz de abolir os fatos que são meros resultados naturais e necessários da base econômica da sociedade burguesa. E haver um milhão de pobres nas *workhouses* britânicas é tão inseparável da prosperidade britânica quanto a existência de dezoito a vinte milhões em ouro no Banco da Inglaterra.

Uma vez estabelecido isto em resposta aos fantasistas burgueses, que por um lado sustentam como resultado do livre-comércio o que é uma mera concomitância necessária de cada período de prosperidade no ciclo comercial, ou que, por outro lado, esperam da prosperidade burguesa coisas que ela não pode de forma alguma trazer. Isto estabelecido, não pode haver dúvida de que 1852 é um dos mais destacados anos de prosperidade que a Inglaterra já desfrutou. A

receita pública, apesar da revogação da *window tax*¹⁰, os rendimentos de envio, as pautas de exportação, as cotações do mercado monetário e, acima de tudo, a atividade sem precedentes nos distritos manufatureiros sustenta um testemunho irrefutável desse fato.

Mas o conhecimento mais epidérmico da história comercial do início do século XIX basta para convencer qualquer um de que está se aproximando o momento em que o ciclo comercial entrará na fase da *empolgação*, de forma a daí passar àquela de super-especulação e convulsão. "De forma alguma!", gritam os burgueses otimistas. "Nunca em um período de prosperidade houve tão pouca especulação quanto no presente. Nossa atual prosperidade é fundada sobre a produção de artigos de utilidade imediata, que são consumidos quase tão rápido quanto possam ser levados ao mercado, deixando ao produtor um lucro adequado e estimulando a renovação e ampliação da produção".

Em outras palavras, o que distingue a presente prosperidade é o fato de que o capital excedente existente foi lançado e está se lançando diretamente na produção industrial. De acordo com o último relatório do sr. Leonard Horner, Inspetor Geral de Fábricas, em 1851 houve somente nas fábricas de algodão um crescimento igual a 3.717 cavalos-vapor¹¹. Sua listagem de fábricas em vias de construção é quase sem fim. Aqui, uma máquina de fiar com 150 cavalos-vapor, lá, um galpão de tecelagem para 600 teares para produtos coloridos, outra fábrica de fiação para 60.000 eixos e 620 cavalos-vapor, outra, para fiação e tecelagem, com 200, outra, com 300 cavalos-vapor, etc. A maior, contudo, está sendo construída próxima a Bradford (Yorkshire) para a manufatura de alpaca e produtos mistos.

A magnitude dessa empresa que está sendo erguida pelo sr. Titus Salt

¹⁰ O imposto incidia sobre o número de janelas das casas. Com o passar do tempo, a receita relativa dessa modalidade de imposto foi diminuindo, pois a população começou a cobrir as janelas e as novas casas passaram a ser construídas com uma quantidade menor de janelas, dado confirmado pela produção de vidro que se manteve relativamente constante, apesar do aumento populacional e do número de construções de novas casas também. Com a revolução industrial e o avanço do processo de urbanização, as queixas médicas aumentaram, pois a falta de janelas e, portanto, de luminosidade tornava o ambiente cada vez mais insalubre, sendo um importante fator para o aumento das doenças e epidemias. Em 1851, o "imposto sobre as janelas" acabou e foi substituído pelo imposto sobre a casa. [NT].

¹¹ Citado do artigo "CottonManufactures", publicado no *The Times*, No. 21227, 22 de setembro de 1852.[NEI].

pode ser inferida do fato de ter sido calculada para cobrir 6 acres estatutários de terra. O prédio principal será um edifício maciço de pedra de pretensões arquitetônicas consideráveis, com uma única de suas dependências medindo 540 pés de comprimento, e a maquinaria incluirá as últimas invenções de mérito reconhecido. Os motores para mover essa imensa massa de maquinaria estão sendo feitos pelos senhores Fairbairn de Manchester e estão calculados para operar 1200 cavalos-vapor. As instalações de gás sozinhas serão equivalentes àquelas de uma pequena cidade e serão erguidas conforme o sistema de hidrocarbonetos de White ao custo de £4.000. Calcula-se que serão necessárias 5.000 lâmpadas, consumindo 100.000 pés cúbicos de gás *per dien [por dia]*. Além dessa extensa fábrica, o sr. Salt está construindo 700 chalés para os operários nas imediações.

O que então se deduz desse enorme investimento de capital para produção industrial imediata? Que a crise não virá? De forma alguma; pelo contrário, que ela tomará um caráter muito mais perigoso do que em 1847, quando foi mais comercial e monetária do que industrial. Desta vez, ela cairá com maior intensidade sobre os distritos *manufatureiros*. Deixe que a inigualável estagnação de 1838-42 seja lembrada, que também foi resultado direto da superprodução industrial. Quanto mais capital excedente se concentra na produção industrial ao invés de dividir seu fluxo entre os múltiplos canais da especulação, mais extensa, mais duradoura e mais diretamente cairá a crise sobre as massas trabalhadoras e sobre a própria *élite* da classe média. E se no momento de reviravolta toda essa impressionante massa de produtos no mercado já toma a forma de uma pesada bala de canhão, qual não será a situação com essas numerosas fábricas expandidas ou recentemente construídas, desenvolvidas o suficiente para começar a funcionar, e para as quais é de vital importância iniciar logo o trabalho? Se toda vez que o capital deserta de seus habituais canais de circulação comercial essa deserção cria um pânico que atinge até o salão do Banco da Inglaterra, com muito mais razão haverá um similar *saue qui peut* em um momento em que uma soma imensa foi assim transformada em capital fixo na forma de moinhos, maquinaria, etc., que só começam a funcionar na eclosão da crise, ou que parcialmente requerem novas somas de capital circulante antes que possam ser postas em condições de funcionar.

Extraio de *The Friend of India* outro fato significativo do caráter da crise que se aproxima. De uma declaração do comércio de Calcutá de 1852, ali contida, resulta que o valor dos produtos de algodão torcidos e fiados importados para aquela cidade em 1851 alcançou £4.074.000, ou aproximadamente dois terços de todo o comércio. Neste ano, a soma total dessas importações será ainda maior. As importações para Bombaim, Madras e Cingapura não estão sequer aí incluídas. Mas a crise de 1847 trouxe tantas revelações do comércio indiano que ninguém pode guardar a menor dúvida sobre os resultados finais de uma prosperidade industrial na qual as importações de “nosso Império Indiano” montam a dois terços do total.

Vale o mesmo para o caráter do estado de convulsão que deve se seguir ao presente estado de prosperidade. Que essa convulsão ocorrerá em 1853 é prognosticado por vários sintomas, especialmente pela grande quantidade de ouro no Banco da Inglaterra, e pelas circunstâncias particulares sob as quais esse grande afluxo de metais preciosos acontece.

Nesse momento há £21.353.000 em metais preciosos nos cofres do Banco da Inglaterra. Tentou-se explicar esse afluxo pela produção excedente de ouro na Austrália e Califórnia. Um simples bater de olhos nos fatos prova o quão errônea é essa visão.

A grande quantidade de metais preciosos no Banco da Inglaterra não representa, na realidade, nada além das reduzidas importações de outras mercadorias [*commodities*]; em outras palavras, um grande excedente de exportações sobre as importações. As últimas pautas de comércio mostram, de fato, uma considerável diminuição das importações de cânhamo, açúcar, chá, tabaco, vinhos, lã, grãos, azeites, cacau, farinha, anil, peles, batatas, bacon, carne e banha de porco, manteiga, queijo, presuntos, arroz e quase todas as manufaturas do continente europeu e da Índia britânica¹². Em 1850 e 1851, houve um evidente excesso de importações, o que, assim como o incremento no preço das matérias-primas de panificação no continente em consequência de uma colheita ruim, tende

¹² Ver “Accounts Relating to Trade and Navigation. For the Eight Months Ended September 5, 1852”, *The Economist*, No. 476, 9 de Outubro de 1852. [NEI].

a conter as importações. Apenas as importações de algodão e linho mostram um aumento.

Esse excedente de exportações sobre as importações explica por que a taxa de câmbio é favorável para a Inglaterra. Por outro lado, a compensação em ouro desse excesso de exportações faz com que uma grande parte do capital britânico permaneça ociosa, incrementando as reservas dos bancos, que, como os indivíduos privados, perseguem todas as formas de investir esse capital ocioso. Daí a presente abundância de capital disponível para empréstimo a baixas taxas. Os títulos de primeira classe estão entre 1,75 e 2%. Agora, se compararmos qualquer história do comércio, digamos a *History of Prices* de Tooke, vê-se que a coincidência desses sintomas – acumulação incomum de metais preciosos no subsolo do Banco da Inglaterra, excedente de exportações sobre importações, taxa favorável de câmbio, abundância de capital disponível para empréstimo e baixa taxa de juros – regularmente abre no ciclo comercial aquela fase na qual a prosperidade torna-se empolgação, quando certamente vão começar a saturação nas importações, por um lado, e por outro a especulação selvagem em toda espécie de bolha atrativa. Mas esse mesmo estado de empolgação é apenas o precursor do estado de convulsão. A empolgação é o ápice da prosperidade; ela não produz a crise, mas provoca sua eclosão.

Eu sei bem que os *videntes* oficiais da economia inglesa vão considerar essa posição excessivamente heterodoxa. Mas quando, desde “o Robison da prosperidade”¹³, o famoso *Chancellor of the Exchequer*¹⁴, que em 1825, logo antes da manifestação da crise, abriu a seção do parlamento com a profecia de imensa e inabalável prosperidade – quando esses burgueses otimistas já anteciparam ou previram a crise? Nunca houve um único período de prosperidade em que eles não aproveitassem a ocasião para provar que *desta vez* a moeda não tinha outra face, em que o inexorável *destino* fora *desta vez* subjugado. E no dia em que a crise estourou, eles se mantiveram sãos e salvos, punindo o comércio e a indústria com o lugar comum da pregação moral contra a falta de previsão e cautela.

13 Frederick John Robison: Foi o primeiro ministro do Reino Unido no período de 1827 – 1828. [NT].

14 Equivalente ao Ministro da Fazenda ou Secretário do Tesouro de outras nações. [NT].

O estado político peculiar criado por essa prosperidade comercial e industrial momentânea será assunto da minha próxima carta¹⁵.



REVICE - Revista de Ciências do Estado
ISSN: 2525-8036
v2.n.1 JAN-JUL.2017
Periodicidade: Semestral

seer.ufmg.br/index.php/revice
revistadece@gmail.com

PETERS, Carolina; PEREIRA, Murilo Leite. Pauperismo e livre-comércio – a crise comercial que se aproxima.
Data de Submissão: 24/02/2017 | Data de aprovação: 07/03/2017

A REVICE é uma revista eletrônica da graduação em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como citar este artigo:

MARX, Karl. Pauperismo e livre-comércio – a crise comercial que se aproxima. Tradução de Carolina Peters e Murilo Leite Pereira. In: **Revive** - Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 469-477, jan./jul. 2017. Título original: Pauperism and free trade – The approaching commercial crisis.

¹⁵ Marx se refere ao artigo intitulado "Political Consequences of the Commercial Excitement", publicado em 19 de outubro de 1852. [NT].